



A QUESTÃO DO GÊNERO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE *MAFALDA* (QUINO)

Denise Castilhos de Araujo

Centro Universitário Feevale – RS

Resumo: As histórias em quadrinhos são narrativas que possibilitam aos seus autores o questionamento das realidades observadas, podendo, dessa forma, construir críticas dos vários temas que compõem uma sociedade, sugerindo, então, que o leitor perceba tais situações, motivando-o até mesmo a estabelecer sua própria opinião. E Quino, com a produção das histórias de Mafalda, conseguiu, de forma muito contundente, não só analisar, como também posicionar-se em relação a várias questões preocupantes, para a Argentina e para o mundo. Uma das situações que mereceu grande destaque em suas tiras foi o papel da mulher portenha das décadas de 60 e 70, que refletia um conjunto de posturas defendidas no mundo inteiro até então.

Palavras-chave: Mafalda, Papel da mulher, Crítica social.

A imagem tem mostrado, ao longo dos séculos, a importância que tem para os indivíduos, pois serve como forma de fixação de realidades vividas, trazendo consigo não só a imitação, mas também a opinião do autor das imagens.

Para Martine Joly:

Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com o que representa. Visualmente imitadora, pode enganar ou educar. Reflexo, pode levar ao conhecimento. A Sobrevivência, o Sagrado, a Morte, o Saber, a Verdade, a Arte, se tivermos um mínimo de memória, são os campos a que o simples termo “imagem” nos vincula. (Joly, 1996)

Como as imagens podem representar o universo chamado real, J. Aumont (1999) afirma que elas tendem a possuir algumas funções, como a simbólica, a epistêmica, a estética.



A primeira função refere-se à possibilidade das imagens representarem símbolos religiosos, as quais poderiam possibilitar o acesso ao sagrado, em virtude da presença divina. Essas imagens podem ser exemplificadas pelas dos ídolos gregos, dos santos católicos, imagens de Buda, e outras entidades. A segunda função, a epistêmica, relaciona-se às informações, conhecimentos, que as imagens podem expor, tais como os mapas rodoviários, cartão postal ilustrado, cartas de baralho, entre outras, ou seja, é um documentário. E, finalmente, a função estética, a qual tem por objetivo, agradar ao espectador, especialmente visível nas imagens artísticas.

É possível observar, em algumas imagens a fusão dessas funções. Tal fato acontece, por exemplo, nas narrativas quadrinizadas, as quais podem visar tanto à função estética quanto à epistêmica, ou à simbólica, dependendo das fases históricas percorridas por essas narrativas; poder-se-ia ainda mencionar uma outra função (a qual originou o nome dessas narrativas em alguns países), a cômica, enfatizando o aspecto hilário de certas situações reais, representadas nas histórias quadrinizadas.

Diante destas possibilidades e por ser um meio de comunicação bastante eficiente, é que a imagem se faz presente em muitas situações, representando, imitando, servindo como elemento de análise de determinada situação.

E, mais do que nunca, foi na 4ª fase dos quadrinhos, período compreendido a partir da década de 40, que se observou o surgimento de algumas tiras, tais como *Pogo* (Walt Kelly) e *Peanuts* (Charles Schulz), já em 1950, as quais traziam consigo não só a intenção do divertimento, mas principalmente a necessidade de constatar, de criticar, de analisar e opinar em relação aos acontecimentos do contemporâneo. Foram inclusive chamadas de tiras “intelectualizadas” (Couperie, 1970). Seguindo as mesmas características, em 1963, Quino apresenta sua personagem, Mafalda. Uma menina em fase pré-escolar, que, entretanto, posiciona-se como uma mulher integrada nos movimentos sociais, políticos da sua época. A menina, inclusive, rompe com a estrutura estabelecida em seu lar, em sua escola, em seu grupo de amigos, por ser extremamente questionadora e, como menciona Eco, “constestadora”.(Eco, in Quino, 1995)



Nos quadrinhos de *Mafalda*, produção do desenhista argentino Joaquin Salvador Lavado – Quino –, é freqüente a apropriação de alguns temas vívidos no período de produção dessas narrativas (déc. 60 e 70), como o papel da mulher na sociedade da época, os conflitos entre as nações, a pobreza, o mau desempenho dos governos, trazendo prejuízos para a economia e a política da sociedade, a dominação dos Estados Unidos, através dos empréstimos do FMI, o descaso com a qualidade do ensino, bem como a violência sofrida pelas crianças, entre outros temas não tão recorrentes.

As décadas de 60 e 70 trouxeram uma série de conflitos sociais, e alguns grupos sociais, denominados minorias começaram a buscar o direito à igualdade, especialmente vivido e percebido por homens de uma classe privilegiada. E um desses grupos que iniciaram uma manifestação bastante contundente, quase que em sintonia no mundo todo, foi o das mulheres, que já possuíam alguns direitos como o do voto, mas que deveriam, ainda, conformarem-se com o papel de dona de casa e mãe dedicada.

E para Guacira Lopes Louro:

Já se tornou lugar comum referir-se ao ano de 1968 como um marco da rebeldia e da contestação. A referência é útil para assinalar, de uma forma muito concreta, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados há algum tempo. França, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha são locais especialmente notáveis para observarmos intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. (Louro, 2001, p.15/6)

Se o ano de 1968 é tido como um dos mais repletos de contestação, algo interessante acontece com as tiras de Quino, pois já em 1964, data em que as primeiras tiras de *Mafalda* são publicadas na revista *Primeira Plana*, a preocupação com a discussão de certos temas se faz presente nessas narrativas. Pode-se dizer, então, que, se formalmente tem-se o final da década de 60 como marco das lutas e discussões pelas minorias, anos antes Quino já mostrava



aos seus leitores suas análises do contexto social-histórico-político do momento, levando o mesmo a ver a triste realidade da América Latina bem como de outros países em conflito.

A personagem Mafalda, ciente desses conflitos sociais, políticos, culturais, demonstra desejo de discutir essas situações, a fim de que, de alguma forma, possa participar efetivamente das discussões, contribuindo, talvez, para o entendimento dos povos, bem como a modificação dos problemas que a preocupam.

Lavado, com a personagem Mafalda, questionando uma série de problemas, aponta constantemente, com o auxílio das características da menina, de vanguarda, perspicácia, criticidade, a necessidade que sente em discutir a situação feminina no período da produção dos quadrinhos.

Quino ilustra em muitas das tiras de *Mafalda* essas manifestações sociais, enfatizando o papel da mulher, e, bem antes das reais discussões sobre o tema e, para tanto, estabelece uma série de conflitos entre as personalidades das personagens. Há, de um lado, Susanita e a mãe de Mafalda, representantes de um grupo que aceita com resignação o serviço caseiro, com a esperança de conquistar um “bom casamento”, ter filhos e cuidá-los bem, assim como manter a casa em ordem e agradar ao marido, seguindo o “padrão” cultural mais comum nesse período.

Decreta-se simplesmente o estado de tutela e de inferioridade da mulher, a sua incompatibilidade para qualquer ato civil ou político do qual surgem todas as disposições de governo e de existência da sociedade; nega-se-lhe toda a instrução superior; chega-se, no desvario de um sistema absurdo, delimitar-se-lhe o círculo e gênero de ocupações e, depois de tamanho insulto à lógica e da mais clamorosa injustiça, prosternam-se os homens a seus pés, e em arroubos de imaginação desengonçada e pervertida, cantam-lhe as excelentes virtudes, as miríficas prendas e o não menos invencível influxo. Que frementidos e que estultos são todos! (Maria da Conceição, in Moreira, s/d, p.2)

A negação, às mulheres, da obtenção dos direitos masculinos parece ser mascarado com uma demasiada reverência dada aos afazeres domésticos executados por elas. Surge,

então, a necessidade de ficar em casa, deixando de lado, inclusive, alguma ambição em relação ao ingresso em instituições de ensino. A fala de Maria da Conceição é uma preocupação que foi manifestada em 1980, entretanto parece bastante pertinente com a situação vivida pela mãe de Mafalda, que algumas vezes é criticada pela menina pelo fato de não ter estudado, o que quase a obrigou a permanecer em casa, tornando-se dona de casa e mãe. E, para Lipovetsky (2000), o papel exercido pela mulher está ligado a questões que embriam-se com o altruísmo, com a comunidade familiar; e uma ruptura nessas relações poderia causar, até mesmo, a ruína da ordem familiar, gerar confusão entre os sexos.

Nessas tiras não é só o papel da mãe que é constantemente questionado, há outra personagem, Susanita, uma menina, amiga da personagem principal. Apesar de as duas garotas estarem na mesma faixa etária, apresentam sérias divergências de pensamento, surgindo, então, o contraste dentro de um mesmo grupo social, ou seja, uma menina anseia pela igualdade, liberdade, pela independência; a outra, busca a reprodução de velhos padrões, os quais, estão presentes na sua família, repetindo incansavelmente a idéia de que quer casar e ter muitos filhos.



Figura 1 - Mafalda e Susanita

A figura 1 ilustra as contrastantes posturas representadas pelas meninas nas tiras de Quino. De um lado a futilidade, mas com um pouco de verdade, defendida por Susanita, a qual, mesmo sendo criança, já percebeu determinadas regras que orientam a sociedade. Regras essas que às vezes podem ferir valores mais universais, como a cultura. Mafalda, por sua vez, não concorda com o que é dito pela amiga, mas precisa acatar a idéia, pois é fato real

na sociedade. Mais uma vez são desvelados comportamentos sociais, a futilidade versus a cultura, a permanência do homem na sociedade, versus sua efemeridade.

Por outro lado, a mãe de Mafalda vem corroborar com a idéia da diferença entre homens e mulheres, bem como do papel predeterminado das mesmas, pois é possível encontrar nas tiras, em várias situações, a mãe limpando a casa, passando roupas, enfim, exercendo tarefas domésticas. Esta parece conformada com a situação, e a ruptura acontece na casa da Mafalda, através dos constantes questionamentos da menina para a mãe, sobre o papel feminino, e, muitas vezes, a garota não recebe nenhuma resposta da mãe, enfatizando a conformidade das mulheres da época com o lugar a elas destinado. Em alguns momentos pode-se ter a impressão da mãe ter sido surpreendida com a pergunta e ter ficado sem resposta. Outras vezes, vê-se a mãe tão sobrecarregada de afazeres, o que sugere a impossibilidade dela encontrar tempo para as reflexões sobre o papel da mulher, pois a casa deve estar arrumada, os filhos cuidados, enfim, tudo em ordem.



Figura 2 - Mafalda e o questionamento do papel da mulher

A figura 2 ilustra essas duas facetas, a preocupação de Mafalda com a liberação da mulher daquele papel pré-determinado pelos homens, através do questionamento realizado pela garota; e, por outro lado, confirma a situação de obediência, por parte da personagem mãe de uma situação de observância de certos padrões definidos. Na cena acima percebe-se a tomada de consciência da menina, desses padrões, pois o questionamento que a mesma faz



para sua mãe, vai “diminuindo”, a medida que a seqüência dos quadros vai ocorrendo, para, no último quadro, a garota dizer para sua “esquecer” a pergunta.

Com a presença de Susanita e da mãe de Mafalda, Quino sugere uma sociedade estruturada no patriarcado; um mundo definido, guiado pelos costumes dos homens, e aquilo que eles pensam ser o mais adequado.

E, para Tomaz Tadeu da Silva:

As análises feministas mais recentes enfatizam, de forma crescente, que o mundo social está feito de acordo com os interesses e as formas masculinas de pensamento e conhecimento.(Silva, 1999, p.93)

Essa estruturação remete a questões como emprego, educação, atitudes masculinas ou femininas, bem marcadas nas tiras, através das posturas das personagens. Por exemplo, o pai de Mafalda trabalha fora de casa, e quando não está trabalhando, seus passatempos são cuidar de plantas e ler o jornal; a mãe, como só faz o serviço doméstico, não tem direito a sentar e ler um jornal ou executar outra tarefa que denote descanso; ao contrário, porque além do serviço da casa deve fazer as compras para o lar. Muitas tiras apresentam a mãe de Mafalda com rolos no cabelo, apontando para a exigência da boa aparência para as mulheres, mesmo que tenham de fazer o serviço pesado da casa.

E, apesar de uma estrutura sedimentada por papéis definidos como o pai e a mãe de Mafalda, a menina rompe com isso, mostrando aos pais suas ambições de igualdade, desestruturando o que já está definido há muito tempo. A partir desta ruptura, Quino pode mostrar como os grupos sociais estão se mobilizando, procurando a igualdade, a possibilidade dos direitos iguais, organizando-se em grupos para a discussão do papel das mulheres, refutando àquele que lhe foi destinado até então, para romper-se com “o estereótipo da dona de casa, a escravidão doméstica do segundo sexo”, Lipovetsky(2000), e, ainda para esse autor, o que antes era um sonho, passa a ser considerado um pesadelo para a mulher desse novo tempo, pois vê a necessidade de romper com estruturas sedimentadas.

Quino apresenta aos leitores um outro grupo feminino, do qual fazem parte Mafalda, Libertad e a mãe desta. Elas representam parte das mulheres que nunca se acomodaram com a realização de somente os afazeres domésticos, lançando-se para um mundo desconhecido para a maioria, que era o do questionamento, das discussões sobre o papel da mulher, da política, da economia, da revolução social, muito distante do primeiro grupo apresentado (Susanita e mãe de Mafalda), e algumas vezes, incompreendidos pelas próprias meninas. E, apesar dessa disposição de fugir do papel tradicional delegado às mulheres, o que faz com que surja essa reação, principalmente na mãe de Libertad, é a necessidade de sobrevivência, pois o pai da menina não recebe salário suficiente para sustentar os três. Situação muito comum para as mulheres: contribuir com a renda, quando o marido não consegue, sozinho, manter a família. Demonstram que muitas vezes as mulheres tiveram que substituir os homens ou então ajudá-los no aumento da renda familiar, sendo então, aceitas com naturalidade no mercado de trabalho.

Apesar dessa proximidade aparente entre as três personagens mencionadas, Mafalda ainda se difere de Libertad e sua mãe, porque a primeira quer a igualdade, quer se sentir uma cidadã de “primeira classe”, não quer ser sombra de nenhum homem, muito menos o seu complemento, quer, sim, ser ela importante por si mesma.

Quino soube representar nas tiras de *Mafalda* uma situação muito preocupante, a busca de igualdade entre os indivíduos, principalmente os do sexo feminino. E, para ilustrar tal situação, exemplificou com delicadeza, mas, por outro lado, com força, a trajetória feminina na defesa de seus direitos. E, como vivia num regime militar, onde corria-se o perigo de ser seqüestrado, torturado e, até mesmo morto, o desenhista investiu uma menina com características como criticidade, perspicácia, curiosidade, extrema inteligência, mas revestiu-a, também, da ingenuidade e vontade de mudar o mundo, própria das crianças, o que possibilitou, dessa forma, o questionamento, mas evitou que ele fosse perseguido.

E, apesar de Lavado ter encerrado a criação de novas tiras de *Mafalda* no início da década de 70, ainda hoje suas tiras são bastante consumidas, pois se verifica constantemente a presença de álbuns, reedições de suas produções em bancas de revistas e livrarias, devido ao caráter questionador e atual dos temas abordados, que, apesar de bastante “pesados”, foram suavizados até mesmo pela presença do cômico, do hilário, uma das funções das HQ.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1999.
- BARBIERI, Daniele. *Los lenguajes del cómic*. Barcelona: Paidós, 1993.
- BAUR, Elizabeth K. *La historieta – Una experiencia didáctica*. México: Editorial Nueva Imagen, 1978.
- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade – Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BRAILOVSKY, Antonio Elio. *Historia de las crisis argentinas*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1996.
- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- COUPERIE, Pierre. *História em quadrinhos e comunicação de massas*. São Paulo: MASP, 1970.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GERGEN, Mary Mc Canney. *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: EDUnB, 1993.
- GOIDA. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.
- LYPOVESTSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação - uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARIA DA CONCEIÇÃO. *Reflexões sobre a mulher*. In: MOREIRA, Nadilza M. de B. *Da margem para o centro: a autoria feminina e o discurso feminista do século XIX*. IX Seminário Nacional Mulher e Literatura
- MOYA, Alvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- NEIVA JR. Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986.
- QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Mafalda inédita*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.